

ECOS DE UM ANTIFEMINISMO NAS REDES

Palavras-Chave: ANTIFEMINISMO, CONTRAMOVIMENTO, REDES SOCIAIS

Autores/as:

NATÁLIA DE JESUS TRINDADE, IFCH - UNICAMP

Prof.(^a) Dr.(^a) LUCIANA FERREIRA TATAGIBA, IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Nos últimos anos, foi possível identificar no meio digital a presença de um discurso crescente de oposição à agenda de gênero – mulheres declaradamente antifeministas utilizando do espaço de disseminação de conteúdo para tecer críticas ao movimento feminista e, de alguma forma, reenquadrar questões fundamentais da vida em sociedade. A mobilização exercida por algumas influenciadoras digitais, que se autodeclaram como antifeministas, tornou-se uma pauta curiosa ao analisar-se o campo dos estudos de gênero. Desenvolvendo críticas à chamada “Revolução Sexual” promovida pelo feminismo e à consequente destruição da família tradicional, esse contramovimento vem crescendo e incorporando-se em um forte contexto de *backlash*, marcado por um retrocesso aos direitos já conquistados pelas mulheres (Faludi, 2001).

Diante desse cenário, o presente trabalho objetivou realizar análises sobre esse tema através da investigação dos perfis das influenciadoras digitais Ana Campagnolo, Cristiane Corrêa e Catharine Caldeira. A escolha das redes sociais como fonte de informação deu-se, sobretudo, por se tratar de um espaço que vem ganhando cada vez mais relevância

no cotidiano dos indivíduos. A linguagem de fácil acesso somada ao conteúdo que promete uma certa identificação amplia a possibilidade de impacto promovida por esse discurso.



Imagem 1 - Instagram da Catharine Caldeira (@catharinecaldeira)

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CW9W3aVrBej/>

De modo geral, o trabalho teve como intuito central compreender de que maneira as influenciadoras digitais exercem uma atuação nas redes sociais, construindo e disseminando suas concepções acerca do feminismo. Priorizou-se entender, sobretudo, de que maneira são realizados os enquadramentos simbólicos e como são mobilizados os repertórios de ação.

A importância em compreender tal temática centraliza-se no impacto promovido pela

disseminação dessa ofensiva na agenda de gênero e nos direitos já conquistados.

METODOLOGIA:

Para responder à pergunta de pesquisa e alcançar os objetivos propostos no trabalho, optou-se por uma metodologia baseada em um método quantitativo e qualitativo. A mescla deu-se com o intuito de facilitar a coleta do material analisado, mantendo, ainda assim, o objetivo do trabalho de compreender significações e enquadramentos.

Como grande parte do material estudado referia-se a publicações do Instagram, utilizou-se o software *R* para filtrar a quantidade de publicações a serem analisadas. Feito isso, foi realizada a coleta das trinta (30) publicações mais curtidas de cada uma das atrizes, resultando em um total de noventa (90) publicações e duzentos e vinte (220) enquadramentos a serem analisadas. Os dados encontrados foram organizados em uma tabela do Excel, contendo as seguintes variáveis: *Link de Acesso*; *Legenda*; *Nº de Curtidas*; *Nº de Comentários*; *Data do Post* e *Hashtags*. Além disso, as publicações foram armazenadas em uma pasta do Google Drive, evitando, assim, possíveis perdas, caso venham a ser excluídas ou modificadas nos perfis das influenciadoras digitais.

Na etapa qualitativa, utilizou-se o *Atlas TI* com o intuito de compreender os enquadramentos discursivos realizados por essas mulheres em seus posts, através do processo de codificação e categorização. De modo geral, buscou-se utilizar a análise de conteúdo temática de Laurence Bardin. Antes de dar início à codificação, como aconselhado na obra de Bardin (1977), realizou-se uma pré-análise, através de uma leitura flutuante, com o objetivo de conhecer o material a ser analisado e explorar possibilidades de códigos e categorias.

Junto a essa leitura também foi realizada uma retomada aos objetivos da pesquisa para visualizar quais perguntas se buscava responder, e ao referencial teórico, visando observar temáticas e palavras-chaves fundamentais na discussão. A partir da fragmentação do material em unidades de registro, foi possível identificar a presença de alguns assuntos centrais nas publicações das influenciadoras, tais como: família, feminismo, valorização da vida, revolução sexual, aborto, ideologia e desvalorização da figura masculina.

Tendo concluída a etapa de codificação, afinal, buscou-se agrupar os códigos estabelecidos em categorias, a fim de uni-los sob fatores em comum (Bardin, 1977). Segundo a autora, é por meio desse processo de fragmentação e de posterior reorganização das unidades que se possibilita a visualização de elementos antes não identificados.

O processo de análise dos resultados e interpretação está sendo feito no momento atual. Entretanto, já é possível notar a presença de algumas discussões centrais para as influenciadoras digitais antifeministas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

De modo geral, os primeiros resultados da pesquisa apontam para a construção de um antifeminismo que tem como finalidade central disseminar uma visão particular e extremamente negativa acerca do feminismo. Tal afirmativa é representada na grande maioria dos materiais pedagógicos produzidos pelas atrizes, intitulados como “Desvelando o feminismo” ou “Mentiras que não te contaram acerca do feminismo”. Nesse sentido, para garantir a criação de um inimigo a ser combatido, as influenciadoras recorrem constantemente à formação de uma dimensão conflitiva atravessada pela ideia do bem e do mal

(Carvalho; Galetti, 2019), que se infiltra nos enquadramentos e que se apresenta em grande parte dos posts.



Imagem 2 - Instagram da Cristiane Corrêa (@_correacris)
Fonte: <https://www.instagram.com/p/CDRz39AHxUx/>

Essa ofensiva antifeminista constitui-se em torno de questões fundamentais sobre as quais circulam temas relacionados à libertinagem, legalização do aborto, deslocamento da família do eixo central e desvalorização do homem.

Em consonância com uma visão presente nas discussões de direita, as mulheres antifeministas afirmam estarem defendendo os direitos das mulheres, mas operando na chave de que a desigualdade de gênero é algo natural e que o excesso da liberdade conferida por meio do feminismo teria criado mais obstáculos do que benefícios. Como afirma Faludi (2001), esse contra-ataque tem como intuito convencer as mulheres de que “os sentimentos de angústia e satisfação são resultados do excesso de independência” (Faludi, 2001, p. 18). A materialização desse discurso está, sem sombra de dúvidas, nas publicações acerca da “Revolução Sexual”, que segundo elas, teria libertado os homens de relações marcadas pelo compromisso,

possibilitando a estes a liberdade de estarem com diversas mulheres.

Ademais, a concepção que essas atrizes possuem acerca do feminismo posiciona o objetivo do movimento progressista na intensa oposição feita aos homens, que é evidenciada pela desvalorização desses indivíduos. Para justificar tal argumento, constantemente recorre-se a um discurso movido pelo anti-intelectualismo e negacionismo. Um post realizado pela influenciadora Cristiane Corrêa intitulado “10 fatos sobre os homens que o feminismo ignora” elucida argumentos de que eles estão no topo da mortalidade por agressão, têm maior índice de suicídio no Brasil, realizam 95% dos trabalhos perigosos, entre outros. Ao fim, o que essas mulheres reivindicam a todo momento é uma maior valorização da figura masculina, que é minimizada diante do discurso de igualdade.

Amparada na lógica maniqueísta de que há um inimigo a ser combatido, a construção da noção de mulher de “valor” perpassa pela crítica à descaracterização da feminilidade (Anjos, 2017). Segundo as influenciadoras, a mulher deve ser feminina, elegante, dócil, respeitosa - características postas em oposição à imagem das mulheres feministas que, por sua vez, são caracterizadas de modo negativo. É justamente nesse processo de construção de um inimigo a ser combatido que elas se reafirmam enquanto mulheres de “valor”.

Por fim, uma observação que deve ser evidenciada é que entre todas as atrizes, é visível um esforço pedagógico intenso em formar outras mulheres na crítica ao feminismo, através de cursos de formação e e-books. Essa estratégia vem ampliando as associações ao antifeminismo, que avança e se insere em outras esferas da sociedade.

CONCLUSÕES:

Até o momento, os resultados iniciais da pesquisa sinalizam a importância de compreender a atuação desse contramovimento nas redes, ao analisar os impactos produzidos na agenda de gênero. Em meio às disputas conceituais e políticas, é possível notar um tom de retrocesso nos direitos conquistados pelas mulheres, principalmente na pauta reprodutiva. As percepções trazidas pelas atrizes são resultados de um enquadramento discursivo que posiciona o feminismo como um movimento que deve ser intensamente combatido, percebendo-o como usurpador de valores morais associados à família e à feminilidade tradicional, as atrizes desenham percepções intensamente contrárias ao feminismo e, portanto, estudá-las revela as nuances que contornam e mobilizam o discurso antifeminista.

BIBLIOGRAFIA:

ANJOS, Júlia. **O “anjo do lar” no século XXI: a página “Garota Conservadora” e a identidade feminina antifeminista.** In: XV Congresso Internacional Ibercom, 2017, Lisboa.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil; [1977] 2016.

CARVALHO, Jessica; GALETTI, Camila. **Uma nova era no Brasil: A ascensão da direita e os desdobramentos da participação política feminina.** Disponível em: <https://11nq.com/d5eFX>

Acesso em: 05 Ago. 2024

FALUDI, Susan. **Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.